ÑANDUTI: HISTÓRIA E LENDAS DE UMA PRÁTICA CULTURAL DO POVO PARAGUAIO

DAYSE CENTURION DA SILVA [1]
ANHANGUERA-UNIDERP, *BRASIL*
https://orcid.org/0000-0003-4782-9572

GILBERTO LUIZ ALVES [2]
ANHANGUERA-UNIDERP, *BRASIL*
https://orcid.org/0000-0001-9672-1459

RESUMO: *Este artigo tem por objeto a renda Ñanduti, manifestação do artesanato ancestral produzido por mulheres paraguaias. O objetivo foi analisar a origem da renda e sua associação às lendas do povo guarani. A relevância do estudo se dá pela singularidade desse artesanato. O referencial teórico envolveu a categoria de análise organização técnica do trabalho artesanal, a partir de estudo desenvolvido por Alves. O levantamento de informações explorou fontes primárias como registros fotográficos, documentos e entrevistas semiestruturadas com artesãs de Bella Vista Norte. Dentre as fontes secundárias, foram fundamentais os estudos sobre práticas culturais de Bayard e de Chaves. Sobre a renda Ñanduti as fontes secundárias se cingiram aos estudos de Plá e Gonzáles, Roquete Pinto, Sanjurjo. Quanto à origem da renda, a pesquisa permitiu concluir que está ligada à chegada dos colonizadores espanhóis ao Novo Mundo. Desde então, passou a fazer parte das lendas que permeiam a cultura no Paraguai. Foram analisados o processo de chegada da renda ao país, seu desenvolvimento e transformações, em especial no pós-guerra da Tríplice Aliança, e sua celebração como patrimônio imaterial do Paraguai.*

PALAVRAS-CHAVE: *Renda Ñanduti, Práticas Culturais, Artesanato Ancestral, Desenvolvimento Regional.*

ABSTRACT: *This article focuses on the Ñanduti lace, a manifestation of ancestral handicrafts produced by Paraguayan women. The objective was to analyze the origin of the lace and its association with the legends of the Guarani people. The relevance of the study is given by the uniqueness of this craft. The theoretical framework involved the category of analysis of technical organization of artisanal work, based on a study developed by Alves. The collection of information explored primary sources such as photographic records, documents and semi-structured interviews with artisans from Bella Vista Norte. Among the secondary sources, studies on cultural practices by Bayard and Chaves were fundamental. On the Ñanduti lace, secondary sources were limited to studies by Plá and Gonzáles, Roquete Pinto, Sanjurjo. As for the origin of the lace, the research allowed us to conclude that it is linked to the arrival of Spanish colonists in the New World. Since then, it has become part of the legends that permeate the culture in Paraguay. The process of income arrival in the country, its development and transformations, especially in the post-war period of the Triple Alliance, and its celebration as Paraguay's intangible heritage were analyzed.*

KEYWORDS: Ñanduti lace, Cultural Practices, Ancestral Crafts, Regional Development.

[1] Doutora em Meio Ambiente e Desenvolvimento Regional pela Universidade Anhanguera-Uniderp. Mestre em Educação pela Universidade Estadual de Mato Grosso do Sul - UEMS. E-mail: daysecenturion@yahoo.com.br

[2] Professor pesquisador da Universidade Anhanguera-Uniderp. Doutorado e estudos pós-doutorado em Educação pela Universidade Estadual de Campinas. E-mail: gilbertoalves9@uol.com.br

Introdução

> Aun cuando cada círculo del encaje pudo haber sido como el "disco-tierra" ancestral, es evidente que el concepto que primo en la interpretación de lo que es este encaje guarda relación con la araña y la tela que teje. [...] una araña negra que labora su hogar en los troncos viejos de la selva. Su seda amarilha, extendida sobre una ligera concavidad de la corteza, tira sus rádios con una geometría impecable cierra luego su circunferencia y en el centro mismo, cubre con una tupida filigrana, la alcoba pudorosa que ha de eclosionar en la prole futura. (SANJURJO, 2015, p. 42-43)

A epígrafe faz a relação da renda *Ñanduti* com o ancestral disco-terra e aponta que a primazia está na teia tecida pelas aranhas. É esta renda, artesanato ancestral produzido pelas artesãs paraguaias, que se constitui o objeto desta pesquisa. O objetivo foi analisar sua origem e a expansão dessa prática cultural, bem como sua associação às lendas do povo guarani. O estudo realiza a descrição do processo constitutivo dessa renda no Novo Mundo, a função social que passou a exercer na nação arrasada pela Guerra da Tríplice Aliança e como ela prosperou a ponto de ser reconhecida com o título de patrimônio imaterial do Paraguai.

Hoje a renda *Ñanduti* está ligada a lendas e tradições do povo paraguaio. Mas ela foi introduzida no país pelas mãos de mulheres dos colonizadores espanhóis, vindos das Ilhas Canárias há, aproximadamente, 300 anos. Era conhecida por renda Tenerife. Segundo o site Guatá[3], da Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai (SNC), as mulheres dos colonizadores teriam instruído e iniciado mulheres indígenas da etnia Guarani na arte do bordado. Estas, por sua vez, adaptaram a técnica de Tenerife, na qual adicionaram desenhos coloridos de componentes naturais, tais quais flores, insetos e pássaros. Assim, a renda *Ñanduti* tornou-se versão crioula[4] de uma arte vinda do exterior para o Novo Mundo.

Edgard Roquette Pinto, antropólogo, médico e professor, foi o primeiro a citar a renda *Ñanduti* em estudos científicos. No campo da antropologia, pesquisou e coletou exemplares da renda. Em 1927, ele publicou o primeiro estudo sobre a renda *Ñanduti* que se tem conhecimento no Brasil.

Segundo Plá e Gonzáles (1983), o nome *Ñanduti* vem do vocabulário Guarani, língua do período pré-colombiano, falada pelos povos da etnia Guarani e, posteriormente, adaptada pela mistura com a língua espanhola. *Ñanduti* significa teia de aranha. Este nome revelador alude às linhas gerais do padrão básico da renda, que remetem à obra de

[3] Site Guatá – Cultura em Movimento. Disponível em: https://guata.com.br/nanduti/. Acesso em: 20 fev. 2021.

[4] Que ou quem, embora descendente de europeus, nasceu nos países hispano-americanos e em outros originários de colonização europeia.

um gênero de aranha, a epeira[5], hóspede de pomares e matagais de todos os climas temperados (PLÁ E GONZÁLES, 1983, p. 5).

A renda *Ñanduti* é considerada uma forma de artesanato ancestral. "É um artesanato telúrico, pois estreitamente ligado à terra e ao espaço onde é produzido, traço que se manifesta perceptivamente nos seus produtos" (ALVES, 2014, p. 48).

Como toda manifestação humana, enquanto prática cultural a renda *Ñanduti* teve uma evolução entrelaçada com a história das transformações sociais.

Da mesma forma que outros exemplos mundiais de artesanato ancestral, o povo paraguaio expressa por meio do *Ñanduti* sua singularidade. Produzido nas municipalidades de Itauguá e Bella Vista Norte, sua técnica é um conhecimento que passa de geração a geração e resulta num produto de comercialização no Paraguai e em diversas localidades da América Latina.

Levando em conta as características que a singularizam, a renda *Ñanduti* tornou-se de domínio público e foi consagrada como Patrimônio Imaterial do Paraguai pela Resolução da Secretaria Nacional de Cultura do Paraguai (SNC) n. 497/2019. Por meio dessa norma oficial, a atividade artesanal ligada à produção do *Ñanduti*, seus conhecimentos e técnicas estão sob a "Proteção do Patrimônio Nacional", com vistas a resguardar sua singularidade, em benefício da manutenção da atividade no futuro. A relevância do estudo está associada à singularidade dessa prática cultural, manifestação de uma forma de artesanato ancestral no Paraguai.

Procedimentos Metodológicos

Para analisar a origem da renda *Ñanduti* e apreender a associação entre as lendas e as práticas culturais do Paraguai, a pesquisa buscou estudos que permitissem descrever lendas, crenças e práticas culturais do povo paraguaio, ligados diretamente à origem da renda *Ñanduti*, sem perder de vista o caráter universal expresso na singularidade dessa forma de artesanato.

Os estudos realizados procuraram captar tanto a produção das peças quanto os aspectos ligados à vida das artesãs. Para tanto, foi utilizada a categoria de análise *organização técnica do trabalho artesanal*, conforme estudos de Alves (2003 e 2014). No que se refere às fontes primárias, o levantamento de informações foi realizado por meio de registros fotográficos, documentos e entrevistas semiestruturadas, procedimentos previstos no projeto e aprovados pelo Comitê de Ética da Universidade Anhanguera-Uniderp (Parecer Consubstanciado do CEP n. 3.472.062, de 26 de junho de 2019). Foram entrevistadas Marcelina Cáceres e Basília Aveiro, artesãs de Bella Vista Norte. Dentre as fontes secundárias foram fundamentais os estudos sobre práticas culturais de

[5] Epeira: é um gênero de aranhas comuns (Araneus) que tecem orbes. Inclui cerca de 650 espécies, entre as quais a aranha de jardim europeia e a aranha de celeiro. O gênero foi descoberto por Carl Alexander Clerck em 1757.

Bayard (1978) e de Chaves (1951). Sobre a renda *Ñanduti* as fontes se cingiram aos estudos de Plá e Gonzáles (1993), Roquete Pinto (1927), Sanjurjo (2015) e às informações da *Dirección General de Estadistica, Encuestas y Censos* (DGEEC). Também foram consultados estudos antropológicos, sites, blogs e o banco de dados da Coordenação de Aperfeiçoamento de Pessoal de Nível Superior (CAPES).

Os dados empíricos coligidos permitiram analisar a origem da renda *Ñanduti* e a associação entre as lendas e crenças do povo paraguaio e suas práticas culturais.

A sistematização e a análise dos dados foram realizadas pela técnica da análise temática (origem lendária; origem histórica; patrimônio imaterial), criada e validada por Bardin. Foram sistematizados três momentos: a) a análise prévia organizou o material, sistematizando os dados levantados (BARDIN, 2006); b) a segunda fase constituiu a exploração do material, norteada pela relação entre o universal e o singular (ALVES, 2003); c) a terceira fase consistiu nos resultados obtidos pelo emprego da categoria organização técnica do trabalho artesanal (ALVES, 2014).

Resultados e Discussões

Quando se fala em cultura paraguaia no exterior, na América em geral e na América do Sul em particular, a renda *Ñanduti* imediatamente emerge para caracterizar o Paraguai.

A renda *Ñanduti* é um bordado tecido em bastidores (Figura 1). A base dos pontos é formada por círculos radiais, com motivos geométricos ou zoomórficos, conforme classificação usada por Roquete Pinto (1927). As artesãs costumam usar em seus trabalhos linhas brancas ou em cores brilhantes.

Figura 1: Bastidor para tecer renda *Ñanduti*.

Fonte: Foto da autora (2020).

Conforme o relato da artesã Marcelina Cáceres, de 75 anos, residente na municipalidade de Bella Vista Norte, “para fazer o bordado, a artesã prende um pedaço de tecido em uma moldura e começa a dar pontos” (Figura 2).

> [...] você precisa de um bastidor para prender o tecido, ali são feitos os primeiros pontos, presos nesse tecido, onde você já faz, a lápis, o desenho da peça. Os primeiros pontos são os contornos dos círculos, os outros são pontos voadores ou pontos de ar e ficam presos aos pontos iniciais e nunca ao tecido. Quando acabar o trabalho, o tecido que dava sustentação ao bordado é recortado, tendo como resultado uma renda delicada, muito linda, que imita a teia de uma aranha (CÁCERES, 2020).

Figura 2: Artesã Marcelina Cáceres tecendo renda *Ñanduti* em bastidor

Fonte: Foto da autora (2020).

A artesã Basília Aveiro, de 85 anos, também residente em Bella Vista Norte, ao ser entrevistada, confirmou essa técnica de produção dos bordados. Fez questão de registrar a origem lendária da famosa renda. Contou que “vem de uma lenda indígena e seu nome significa teia de aranha”.

> […] nuestra madre y nuestros abuelos nos enseñaron el arte de tejer encaje *Ñanduti*. Siempre contaron la hermosa leyenda de los apasionados indios que se enfrentaron en el bosque, por el amor de una india, provocando la muerte de uno de ellos. Hablaron del sufrimiento de la madre indígena que tejió el sudario del indio muerto imitando las telarañas, de ahí el origen de *Ñanduti* (AVEIRO, 2020).

O Paraguai, além de ser um país rico em fauna, flora, artesanato e música, apresenta uma grande diversidade de mitos, lendas e sabenças populares. O aspecto de maior relevância é que os personagens não são fictícios. Eles assemelham-se a seres reais adaptados à vida cotidiana. Não se destacam do plano real.

As lendas prevalecem por tradição e são repassadas oralmente de geração a geração. No Paraguai, elas fazem parte, inclusive, do currículo escolar da educação formal. Elas correspondem a uma explicação inventada, não a partir dos deuses, mas a partir dos recursos existentes na natureza, por excelência o material estético das artesãs.

Nesse contexto, a renda *Ñanduti*, arte muito antiga, viu-se cercada de lendas e mitos. Entre as pessoas simples, inclusive entre as artesãs, algumas afirmam que é uma herança dos espanhóis. Outros a atribuem aos indígenas. O fato é que o produto é uma renda que imita as teias de aranha, com referências claras à natureza, a exemplo dos motivos florais e zoomorfos.

Segundo Silva e Alves (2020):

> O artesanato do *Ñanduti* é uma prática cultural singular ao Paraguai. Através dele, as artesãs dão sentido à própria história. É um rico patrimônio da nação. Representa algo chegado de fora, daí sua dimensão universal, mas que se adaptou ao ambiente e aos seus recursos. Portanto, por meio dele, o universal e o singular mostram-se indissociáveis (SILVA e ALVES, 2020, p. 191).

Quanto à origem oficial da renda *Ñanduti*, Josefina Plá e Gustavo Gonzáles, (1983), afirmam que "nenhum dos cronistas dos primeiros séculos da história colonial do Paraguai faz qualquer menção à origem ou ao desenvolvimento desse ofício no Paraguai" (PLÁ; GONZÁLES, 1983, p. 5).

Como se observa, existem poucos indícios concretos sobre a época precisa e a maneira da chegada da renda *Ñanduti* ao Paraguai. Importa, no caso deste artesanato, o modo como se enraizou entre as mulheres no Paraguai, superando outras manifestações como a renda de bilro ou outras mais fáceis de executar e mais práticas no manejo doméstico.

Nesse contexto, o estudo buscou aprofundar a compreensão da origem da renda *Ñanduti*, com destaque para as duas versões mais difundidas, a lendária e a histórica.

As lendas acerca da origem da renda *Ñanduti*: Prosápia y Magia del *Ñanduti*

No Paraguai, existem muitas lendas, histórias e mitos que fazem parte da narrativa folclórica do país. Elas se tornaram símbolo da cultura e sabença popular.

Para discutir as lendas é imperativo distingui-las dos mitos. Segundo Rocha (1999), o mito é uma narrativa,

> É um discurso, uma fala. É uma forma de as sociedades espelharem suas contradições, exprimirem seus paradoxos, dúvidas e inquietações. Pode ser visto como uma possibilidade de se refletir sobre a existência, o

> cosmos, as situações de "estar no mundo" ou as relações sociais (ROCHA, 1999, p. 07).

O mito revela o pensamento da sociedade e sua subjetividade. Envolve não somente um aspecto social, mas todos os aspectos da interação entre o ser humano e o meio social, logo também suas práticas culturais.

Mestizo Acosta et al. (2010) entendem que o mito é um relato que tem valor de exemplo, dotado de uma estrutura e de uma função, de substância simbólica e de valor pragmático:

> É ao mesmo tempo uma mensagem e um meio, um corpus de histórias para decifrar e uma prática social narrativa. Ele "pensa" por meio de imagens e metáforas, tal como o sonho. Alimentando-se do imaginário dos grupos humanos, o mito expressa e reflete, organiza e legitima a cultura da sociedade em que está inserido, ou, melhor dizendo, o sedimento que se encontra como substrato dela (ACOSTA et al, 2010, p. 18-22).

Sobre a matéria, Silva (2006) acrescenta:

> Os mitos folclóricos também pertencem aos domínios do imaginário, no sentido de que são imagens (mentais) produzidas como fruto de um pensamento mítico em uma rede etérea e movediça de valores e sensações partilhadas concreta ou virtualmente (SILVA, 2006. p. 9).

Segundo Bayard (1978), as lendas pertencem ao imaginário popular e se impregnam nos indivíduos:

> A palavra lenda provém do baixo latim legenda, que significa "o que deve ser lido". No princípio, as lendas constituíam uma compilação da vida dos santos, dos mártires. [...] atualmente, a lenda, transformada pela tradição, é o produto inconsciente da imaginação popular. Desta forma o herói sujeito a dados históricos, reflete os anseios de um grupo ou de um povo; sua conduta depõe a favor de uma ação ou de uma ideia cujo objetivo é arrastar outros indivíduos para o mesmo caminho (BAYARD, 1978, p.10).

O autor afirma, ainda, que "a lenda existe desde a formação do clã, da sociedade e os temas se desenvolvem com preocupações semelhantes em todas as culturas" (BAYARD, 1978, p.10). Independentemente da cultura, as lendas retratam os mesmos temas ou acontecimentos que são ou foram importantes para os lugares onde ocorrem.

As lendas não estão relacionadas com a criação do universo e não tentam explicar a criação de elementos da natureza, tais como o Sol, a Lua e as Estrelas. São transmitidas, ao contrário dos mitos, sem a

preocupação de explicar a criação do mundo e dos elementos da natureza.

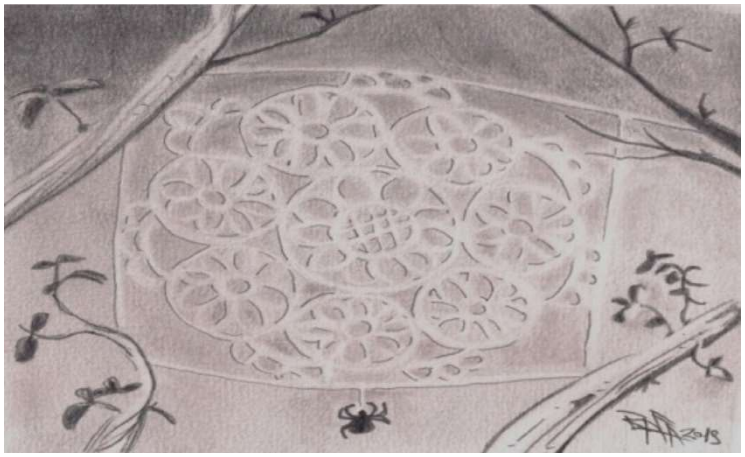
Logo, mitos e lendas expressam ideias do homem, de suas construções e de suas leituras de mundo, pois descrevem situações que chegam a dar vida a seres extraordinários e, por meio dessas criaturas, criam explicações para as relações sociais em territórios definidos onde se inserem.

Muitas lendas foram criadas em torno da origem da renda *Ñanduti*. Nenhuma outra prática cultural de natureza artesanal, nem mesmo a cerâmica, mereceu o mesmo foco. Em certas lendas, alguns situam seus personagens em tempos pré-hispânicos: neles aparecem os filhos e filhas dos caciques, ao lado do tigre, a fera temida por excelência, e da aranha, animal de difusão universal cujo vínculo com a renda tem raiz analógica inelutável.

Plá e González (1983) afirmam que, apesar das variantes, as lendas não aludem à origem hispânica da renda. Contada de uma forma ou de outra, nas lendas sempre aparece um casal apaixonado. O tigre e a aranha são elementos constantes, tais quais os sujeitos. O caçador apaixonado que sai em busca da pele do tigre; seus restos mortais que são, posteriormente, encontrados cobertos por uma fina teia de aranha que a noiva ou a mãe, obcecadas, tentam reproduzir. Daí teria nascido a renda *Ñanduti*.

Em livro organizado pelo autor Jorge Montesino (2016), são descritas diversas lendas e crenças populares expressivas da cultura paraguaia. Dentre as lendas mais conhecidas, estão a do *Ñanduti*, a da Erva Mate, a do *Avati,* a do *Karãu,* a do *Urutau*, a do *Kururu*, a d'*El Jurunda,* dentre tantas outras.

Figura 3: Renda *Ñanduti*



Fonte: Blog YVY – Mistérios da Terra. Disponivel em: https://yvycomics.com/2019/03/29/a-lenda-do-nanduti-o-bordado-paraguaio/. Acesso em: 03 fev. 2021.

Sanjurjo (2015) analisa a renda *Ñanduti* como sendo uma manifestação estrangeira que, por adaptação, se identificou com uma região e se tornou seu símbolo representativo. A antiga renda espanhola,

nascida na Extremadura[6], no Paraguai perdeu o seu nome de origem, renda Tenerife, para ser rebatizada com o nome de renda *Ñanduti* (Figura 3).

A autora, ao abordar as lendárias origens da renda *Ñanduti*, narra o processo de aculturação da renda e, sobre a origem de seu nome, leva em conta a etmologia da palavra Guarani *Ñanduti*. Afirma haver "várias lendas sobre a origem da renda *Ñanduti* ou talvez se deva dizer que, existem várias versões da mesma lenda" (SANJURJO, 2015) (Figura 4).

Figura 4. Ilustração de uma versão da lenda sobre a origem da renda *Ñanduti*

Fonte: CHAVES (1951).

Essas lendas são criações literárias que se tornaram muito populares no Paraguai. Todas, mesmo com algumas variantes, localizam a origem do *Ñanduti* entre os Guarani pré-colombianos e, na base de cada uma delas, há uma história de amor que desencadeia tragicamente a origem da renda. A mais conhecida é de autor anônimo:

> Se cuenta que una muchacha paraguaya, cuyo novio no se presentó en el día de su boda, salió a buscarlo en la selva. Finalmente, después de mucho buscar y al caer la tarde encontró su cadáver. Ella se arrodilló al lado de su cuerpo y lo veló durante toda la noche. Cuando salió el sol, la muchacha vio con gran sorpresa, que el cuerpo del joven estaba cubierto con un deslumbrante manto de telas de araña. Prometiendo copiar el trabajo de las pequeñas arañas, corrió a su hogar y regresó con una aguja e hilo. Afanosamente trabajó durante muchas

[6] A Extremadura é uma das comunidades autônomas da Espanha, situada no sudoeste da Península Ibérica. Sua capital é Mérida e divide-se em duas províncias, as mais extensas do país: Cáceres ao norte e Badajoz ao sul.

> horas tejiendo una mortaja para su amado, creando así la primera pieza de Ñandutí (SANJURJO, 2015, p.94).

Nas variantes desta lenda, o assassino pode ser uma fera, um elemento natural, como um raio, enquanto a criadora da renda pode ser uma irmã, uma mãe ou a mesma causa da tragédia, a mulher cujo amor era pleiteado. Todas as variantes dão centralidade à teia de aranha.

Maria Concepción L. de Chaves (1951) ilustra outra variante da lenda.

> Dois bravos índios tentam conquistar a bela índia que amam e tentam conquistar seu amor por meio de um presente único de grande beleza. Em sua busca, no meio da selva, um deles avistou entre as árvores uma urdidura iridescente pendurada em dois segmentos queimados. Seus fios sutis pareciam raios de lua, tufos de penas ou estames radiantes de flores de goiaba. Seu rival o mata e ali ele deixa seu cadáver abandonado. O remorso do assassino é tanto que ele acaba contando à sua mãe o incidente. Ela vai ao local e encontra o cadáver enrolado em uma leve teia de aranha que serviu de mortalha. Ela se manteve a uma distância prudente, atenta ao trabalho da pequena artista, observando o desenho e a ordem de execução. Com os fios de seus cabelos brancos, grisalhos, ela copiou o que a aranha estava fazendo... assim o *Ñanduti* resplandece e nasce pela primeira vez (CHAVES, 1951, p. 77).

Em uma vertente da lenda menos difundida, uma índia presa por um proprietário ou dono cruel, em um porão ou caverna, entretém suas tristezas imitando a teia que uma aranha teceu em um canto.

Figura 5. "Leyenda del *Ñanduti*". Cerámica de Julián de La Herreria.

Fonte: SANJURJO (2015).

É difícil detectar as épocas em que essas vertentes foram criadas ou os locais do país que lhe deram lugar. A maioria foi "recriada" (Figura 5). Hoje elas pertencem ao patrimônio “literário paraguaio" que engatinhava no século XVI e se afirmou no século XVII.

A origem espanhola da renda *Ñanduti*

Quanto à versão histórica para a origem da renda *Ñanduti*, sobre como e quando a renda espanhola chegou ao solo paraguaio só há conjecturas. As poucas informações disponíveis são referências breves e gerais.

O Continente Americano foi colonizado por portugueses, espanhóis, ingleses, franceses e holandeses, principalmente. Porém o processo de colonização aconteceu por formas distintas nos diversos países do continente.

As experiências espanhola e portuguesa, centradas na América do Sul e Central, permitem entender a difusão das línguas correspondentes, do catolicismo e o processo de produção de mercadorias sustentado no mercantilismo. Subordinadas, as etnias indígenas foram cativadas e transformadas em fontes de força de trabalho. O capital comandou, desde o início, o processo de colonização e foi “o seu elemento mais essencial, daí tê-lo hegemonizado e direcionado o seu movimento” (ALVES, 2003, p. 24).

> Não pode ser tergiversado o fato de que ocorreu, desde os primeiros instantes de nossa colonização, algo que nos particulariza: o nosso processo de desenvolvimento sempre esteve regido pelo capital, o que representou formidável impulso para que o modo de produção capitalista se impusesse plenamente em escala universal. Este traço nos diferencia da Europa que, para impor o domínio do capital sobre a produção, foi obrigada a combater e superar obstáculos feudais (ALVES, 2003, p. 24-25).

A história da indústria têxtil tem muito a dizer sobre a evolução dos meios de produção e da economia dos diversos países. Antes da colonização do Paraguai, os nativos usavam técnicas artesanais para confeccionar suas vestimentas. Depois de 1537, no entanto, com a vinda dos espanhóis ao “Novo Mundo”, novos procedimentos foram implementados, baseados naqueles difundidos na Europa à época (SANJURJO, 2015, p. 12).

Para apreender as origens da renda *Ñanduti* é preciso olhar para trás, voltar no tempo à Espanha e fazer uma rápida revisão da produção e da força do trabalho naquele país. Quanto ao artesanato e às artes, as esculturas e pinturas da Idade Média permitem perceber que entre as

mais antigas formas de adorno estão os enfeites (passamanaria)[7], configurados nas divisas, nas cordas ou cabeças de franja, com as quais as peças eram acabadas.

Carnen Baroja de Caro (1933) cita o adorno passamanaria como uma francesificação da palavra espanhola corrimão. Explica, ainda, que esse adorno era muito usado, por exemplo, em face da necessidade de limitar ou recortar um objeto.

Os antigos hábitos sacerdotais, as toalhas do altar e, posteriormente, os diferentes tipos de bordados e coleiras eram arrematados com passamanaria. No início, eram feitas cruzando, atando, torcendo, enrolando, trançando os fios à mão, sem o auxílio de nenhum instrumento. Eram usados fios e fibras relativamente grossos. Com o tempo se impôs o refinamento e passaram a ser usados fios finos e maleáveis, geralmente feitos de ouro e prata, além de seda colorida. Isso determinou o uso de ganchos, bobinas e ossos, que se generalizou em seguida na confecção da renda.

Os estudos de Plá e Gonzáles (1993), referentes ao século XVI e início do XVII, atestam as habilidades das mulheres paraguaias "criolas" ou mestiças no trabalho com as agulhas. Os autores não mencionam especificamente o tipo de trabalho que realizavam, mas os primeiros jesuítas (1610) diziam se tratar de operações sobre "panos de mão, toalhas" bordadas, componente do trabalho doméstico que se difundiu e alcançou maturidade em meados do século XIX (PLÁ; GONZÁLES, 1993, p. 11).

Quanto à chegada da renda *Ñanduti* ao Paraguai, a proposta mais difundida e aceita é a de Josefina Plá[8]. A renda teria vindo das Ilhas Canárias, mais especificamente de Tenerife. As missões jesuíticas teriam viabilizado a sua importação para o Paraguai. Em resumo, para os que defendem essa teoria, a renda paraguaia é a renda de Tenerife, trazida para a América do Sul por meio das missões jesuíticas.

Quanto à origem canária da renda *Ñanduti*, Plá e Gonzáles (1983, p.7) são categóricos:

> É a renda de Tenerife; seus esquemas básicos, seu logotipo, são inconfundíveis. Se esse ajuste tivesse nascido nas Missões, com efeito, seus professores teriam sido os próprios missionários e embora haja notícias de que algum padre ou irmão canário chegou às reduções (muito poucos, aliás, talvez não ultrapassasse dois ou três) não há dados que lhes permitam atribuir o ensino

[7] A passamanaria é uma guarnição utilizada desde a Idade Média. Este nome era dado a todas as espécies de cordão nos séculos XVI e XVII. Mais tarde, recebe o nome de passamanaria, que significa tira estreita de tecido. Em geral tem aspecto de seda. É criada tecendo-se ou traçando-se fios. Disponível em https://www.dicionarioinformal.com.br/significado/passamanaria/8687/. Acesso em: 24 fev. 2021.

[8] Josefina Plá, espanhola das Ilhas Canárias, foi dramaturga, contista, poeta, ensaísta, historiadora, ceramista, artista plástica, radialista, crítica de arte e jornalista. Josefina Plá realizou vasta obra intelectual e artística em terras paraguaias.

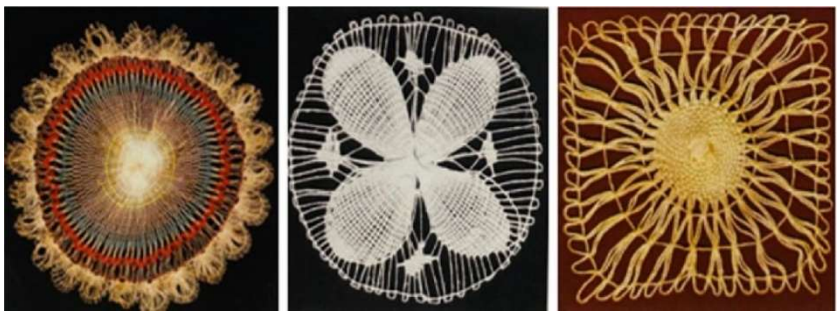
> deste artesanato. A única renda que os cronistas mencionam é a de Flandres.

Desde a sua origem no Paraguai, a renda *Ñanduti* sobreviveu à fome, aos ataques nativos, às guerras internacionais, à pobreza, ao isolamento geográfico e seu percurso passou por diversas adaptações.

> Dada a pobreza do país, prolongada por quase dois séculos, certas formas de renda de execução laboriosa e não menos laboriosa de manutenção não tiveram oportunidade de muito uso, embora a ampla disponibilidade de mão-de-obra (escravos) pudesse, por outro lado, aliviar escrúpulos e preocupações quanto ao tempo perdido, a fim de satisfazer a necessidade de adornos ou arranjos domésticos (PLÁ e GONZÁLES, 1983, p.7).

No decorrer dos anos, muitos motivos decorativos desapareceram enquanto outros sofreram transformações de grande peso para imprimir à renda características do final século XVII. Acentue-se, por exemplo, a adição dos diferentes pontos (Figura 6), feitos em dobra cruzada entre os círculos. Essa solução assegurou nova composição à renda, separando os círculos que se uniram às peças e áreas espessas e abertas do tecido, criando um conjunto de luzes e sombras.

Figura 6. Pontos de renda *Ñanduti* do final do século XVII.



Fonte: SANJURJO (2015).

Ñanduti: a renda que virou Patrimônio Cultural Imaterial do Paraguai

Para compreender as agruras que cercaram a sobrevivência do *Ñanduti*, é necessário reter o fato de que as artesãs que asseguraram a reprodução dessa prática cultural, durante séculos, falavam mal o espanhol e viviam em condições de extrema pobreza. A renda em referência teve longevidade secular, mesmo em face das agruras dos tempos de conquista e e colonização, do extermínio de homens durante a Guerra da Tríplice Aliança e Guerra do Chaco, travada contra a Bolívia (1932-1935). Esses eventos afetaram diretamente a composição e a organização familiar. A mulher passou a ser a única mantenedora dela mesma e da familia.

O fazer da renda Ñandutí se incluiu entre aquelas tarefas que as mulheres realizavam para ganhar, pelo menos parcialmente, a vida. Desde o momento em que o tecido é esticado em uma moldura até a venda final de uma peça, a tarefa é exclusivamente feminina e nunca deixou de ser uma atividade artesanal importante na complementação da renda familiar. As rendeiras nunca se organizaram em cooperativas, pequenas oficinas ou fábricas, como aconteceu com o artesanato de charutos, também ocupação puramente feminina em suas origens.

Cada artesã trabalha de forma independente, em sua própria casa, combinando a confecção da renda e sua venda com outros afazeres domésticos como a alimentação e o cuidado com os filhos. Algumas vezes, especialmente para a venda, recorre aos serviços de outras mulheres, as intermediárias. É geral a dificuldade para medir o impacto de uma atividade artesanal específica na economia nacional. O mesmo ocorre com o Ñanduti, mas, no seu caso, essa dificuldade se vê agravada pela pequena escala da produção.

Depois da Guerra da Tríplice Aliança (1864 - 1870), a população paraguaia se escasseara com prejuízo especial para o contingente masculino. Na pitoresca cidade de Itauguá residia uma das únicas mulheres sobreviventes que conheciam o segredo da urdidura. Ela se propôs a ensinar as gerações posteriores. Não consta, historicamente, o registro de seu nome, mas seria da família de *La matrona paraguaya* Doña Julia Alvarez, viúva do General Bernardino Caballero[9] (SANJURJO, 2015, p. 37).

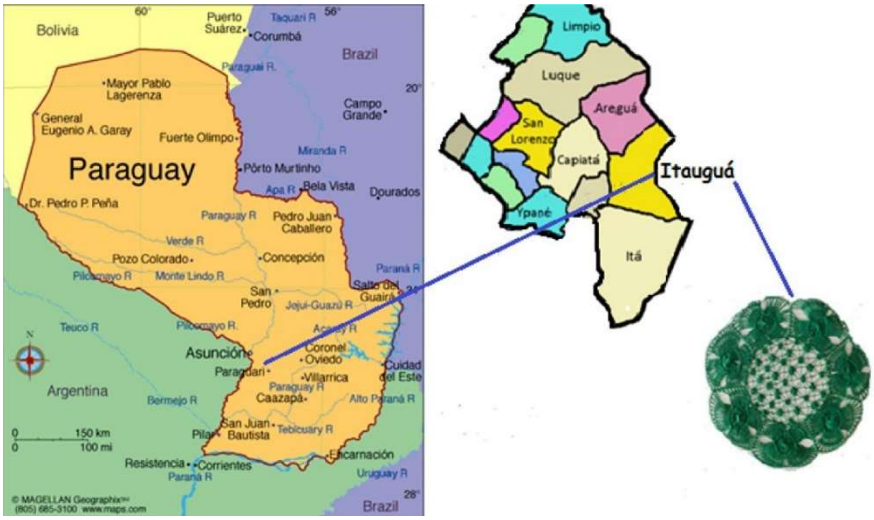
Em Bella Vista Norte exercem ativamente a produção da renda *Ñanduti* quatro artesãs anciãs. Juntando suas filhas e netas, o número se eleva a oito artesãs produtoras, detentoras do domínio da urdidura e revendedoras da renda.

No início do século XX, o lugar de convergência obrigatória de toda a produção de *Ñanduti* era Assunção, onde os artesãos e revendedores ofereciam o produto nas ruas. Com o aumento do transito de pessoas e a intensificação dos meios de transporte, por volta da década de 1950, Itauguá, devido à sua localização favorável (Figura 7), se tornou um centro de vendas dessa renda.

Itauguá está localizada a 30 km da cidade de Assunção na Rota II, a Nordeste do Departamento Central. Tem por limites, ao norte o Lago Ypacaraí e Areguá; ao sul, Itá e Pirayú; a leste, Ypacaraí e, a oeste, Capiatá e Julián Augusto Saldívar. Sua população é de 105.495 habitantes, com densidade de 1090,84 hab./km² (DDEEC, 2012). A municipalidade progride e se desenvolve enquanto se expandem casas comerciais, indústrias, instituições públicas e privadas.

[9] General Bernardino Caballero, político e líder militar, teve uma importante participação durante a Guerra da Tríplice Aliança. Conhecido como o "Centauro de Ybycuí" por sua habilidade no cavalo, foi Presidente do Paraguai (1880-1882 e 1882-1886).

Figura 7: Mapa da municipalidade de Itauguá/PY, Capital da Renda *Ñanduti*



Fonte: *Site Infoplease.* Disponível em: https://www.infoplease.com/atlas/south-america/paraguay-map. Acesso em: 20 ago. 2021. Adaptado pela autora.

A municipalidade de Itauguá, segundo Sanjurjo (2015), sempre foi o polo mais expressivo do artesanato da renda *Ñanduti* no Paraguai. Esse fato foi consagrado pela Lei n. 4.591/12, que "Declara a Cidade de Itauguá como Capital de *Ñanduti*". A municipalidade é considerada, também, uma das mais belas cidades do país e se orgulha de representar o povo paraguaio em todo o mundo por meio do *Ñanduti*.

Com a popularização, a renda *Ñanduti* se tornou produto da "industria doméstica" que saiu das mãos das artesãs para se tornar um objeto de "domínio público" no Paraguai. Foi declarada parte do Patrimônio Cultural Imaterial da nação, conforme o artigo 81 da Constitución de la República de Paraguay (1992).

> Artigo 81 - Del Patrimonio Cultural - Se arbitrarán los medios necesarios para la conservación, el rescate y la restauración de los objetos, documentos y espacios de valor histórico, arqueológico, paleontológico, artístico y científico, así como de sus respectivos entornos físicos, que hacen parte del patrimonio cultural de la Nación. El Estado definirá y registrará aquellos que se encuentren en el país y, en su gestionará la recuperación de los que se hallen en el extranjero. Los organismos competentes se encargarán de la salvaguarda y del rescate de las diversas expresiones de la cultura oral y de la memoria colectiva de la Nación, cooperando con los particulares que persigan el mismo objetivo. Quedan prohibidos el uso inapropiado y el empleo desnaturalizante de dichos bienes, su destrucción, su alteración dolosa, la remoción de sus lugares originarios y su enajenación con fines de exportación (PARAGUAY, 1992)

Pela Resolução SNC n. 497/2019, a Secretaria Nacional de Cultura (SNC) declarou Patrimônio Cultural Nacional Imaterial os conhecimentos,

técnicas e métodos de elaboração tradicional da renda Ñandutí, artesanato simbólico e representativo do Paraguai, que se transmitem de geração a geração. Essa Resolução afirma, ainda, que, de acordo com um relatório técnico da Direção de Estudos, Antropologia, Arqueologia e Paleontologia do SNC, o conhecimento, a técnica e os métodos de elaboração da renda tradicional Ñandutí do Paraguai são condições e características necessárias para que seja considerada Patrimônio Imaterial e símbolo nacional do Paraguai.

> Através desta Declaração, a renda Ñandutí e seus conhecimentos e técnicas aproveitam os benefícios e garantias outorgados pela Lei 5621/16 "Sobre a proteção do patrimônio", com o propósito de que os portadores desta significativa tradição nacional a mantenham em vigor no tempo. Da mesma forma, a SNC promoverá em todas as áreas a salvaguarda da reserva Ñandutí, em trabalho direto com as comunidades transportadoras, ou com a prevista participação com alianças interinstitucionais para esse fim. Da mesma forma, fará a revisão desse patrimônio declarado a cada 10 anos, documentando devidamente sua validade ou antecipando sua salvaguarda urgente em caso de risco (PARAGUAY, 2019. Tradução nossa).

A renda *Ñanduti* excedeu os seus próprios limites e transbordou influências para outros campos da cultura no Paraguai. A literatura, principalmente a poesia, é rica de alusões e versos dedicados às artesãs e à renda. Os correios do Paraguai também homenagearam a renda *Ñanduti* com um Selo Postal, emitido em 30 de junho de 1981 (Figura 8).

Figura 8: Selo postal do Paraguai em homenagem à renda *Ñanduti*.

Fonte: SANJURJO (2015).

Também a música popular, por meio das polcas, guaranias, galopes e valsas, está recheada de canções que celebram a beleza da renda *Ñanduti*, as artesãs e Itauguá, lugar onde é produzida (SANJURJO, 2015, p. 97). No ano de 1946, em Itauguá, segundo Pedrozo (1994), a renda *Ñanduti* foi homenageada com a criação da música e da letra da canção "Ñandutí". Em 1967, a "nativa" Zarzuela compôs inteiramente em guarani a música "Ñandutí Rerecud". Há, também, um tango argentino, composto na década de 1930. Manuel Frutos Pane e Juan Carlos Moreno González foram autores de uma canção intitulada "La tejedora de Ñandutí", estreada em Assunção em 1956.

A renda *Ñanduti* é onipresente no Paraguai: "a música a nomeia, os artistas a pintam, a arquitetura tenta imitar seu enredo" (SANJURJO, 2015, p. 102). Por ser uma renda secular, todos cresceram em contato com ela e muitos, por intermédio das mães, irmãs e outras mulheres das famílias, tiveram sua sobrevivência assegurada por essa relevante prática cultural.

Conclusão

A análise da renda *Ñanduti* evidenciou duas versões distintas para explicar sua origem. De um lado se tem a versão histórica, que afirma ter sido a renda trazida ao Paraguai por mulheres espanholas vindas das Ilhas Canárias. Por outro lado, as lendas populares que expressam o imaginário do povo paraguaio, afirmam sua origem ancestral associada à etnia guarani.

A renda *Ñanduti* traz à luz as práticas culturais de artesãs que souberam adaptar e recriar a partir do "original". Essa adaptação e recriação criola da renda Tenerife foi tocada pela criatividade da artesã paraguaia. Ela adaptou e enriqueceu a renda com seus traços e criou novos pontos. Quanto aos motivos formais, traduziu sua integração ao ambiente ao imitar elementos da fauna, da flora e do cotiano de sua terra.

Apesar de todos os problemas que assolaram o Paraguai, a renda *Ñanduti* persistiu e destaca-se como prática cultural singular, de beleza estética reconhecida. Pode-se afirmar, portanto, que ela também expressa politicamente a vitória da criatividade humana e do belo sobre a miséria, a guerra e o feio da vida cotidiana.

Por meio de declaração oficial, o artesanato da renda *Ñanduti*, envolvendo os conhecimentos ancestrais, as respectivas técnicas e as matérias primas utilizadas, recebeu o título de Patrimônio Imaterial do Paraguai e se encontra sob a "Proteção do Patrimônio Nacional". Sua conservação está resguardada e espera-se que esse fato também frutifique como maior apoio, tanto oficial quanto privado, para a sua reprodução e a melhoria das condições de existência das artesãs. Favorece sua conservação a expectativa do povo. Não há um só paraguaio alheio a essa prática cultural. A renda *Ñanduti* tornou-se motivo de orgulho para todos no Paraguai.

Referências bibliográficas

ACOSTA F.; AGUILERA J. D.; VILLAGRA M. C. **Mitos y leyendas del Paraguay mestizo.** Asunción: Servi Livro, 2010.

ALVES, G. L. **Mato Grosso do Sul**: o Universal e o Singular. Campo Grande, MS: Editora UNIDERP, 2003. 101p.

ALVES, G. L. **Arte, Artesanato e Desenvolvimento Regional**: Temas Sul-mato-grossenses. Campo Grande, MS: Ed. UFMS, 2014. 104p.

AVEIRO, Basília. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 08. mar. 2020.** Bella Vista Norte, PY, 2020.

BARDIN, L. **Análise de conteúdo** (L. de A. Rego & A. Pinheiro, Trads.). Lisboa: Edições 70, 2006.

BAYARD, J. P. **História das lendas**. Tradução de Jeanne Marillier. [S. l.]: Virtual Books.1978. Disponível em: <http://www. ebooksBrasil.com>. Acesso em: 14 fev. 2021.

CÁCERES, Marcelina. **Entrevista realizada na municipalidade de Bella Vista Norte em 07. mar. 2020.** Bella Vista Norte, PY, 2020.

CHAVES. M. C. L. de. **Rio lunado**. Buenos Aires: Ediciones Peuser, 1951.

CARO. C. B. de. **El encaje en España.** Barcelona, Argentina : Ed. Labor S.A.,1993.
MONTESINO.J. **Leyendas y creencias populares del Paraguay.** Asunción: Editora Servilibro, 2016. 197f.

PARAGUAY. **Constitución de la República del Paraguay. Asunción**, 1992. Disponível em: http://www.tsje.gov.py/constituciones.php. Acesso em: 15 fev. 2021.

PARAGUAY. **Secretaria Nacional de Cultura del Paraguay - SNC. Resolução SNC nº 497, 2019**. Disponível em: http://www.cultura.gov.py/ . Acesso em: 10 fev. 2021.

PLÁ, J.; GONZÁLES, G. **Paraguay: el Ñanduti**. Asunción: Museo Paraguayo de Arte Contemporáneo, 1983.

PINTO, E. R**.** Nota sobre o Ñanduti do Paraguai**. Boletim do Museu Nacional do Rio de Janeiro**, n.1, v. II, mar.1927.

PEDROZO. M. C. **4 eras de la historia de Itauguá**. Asunción: Artes Gráficas Zamphirópolos S.A., 1994.

ROCHA, E. **O que é mito.** – São Paulo: Brasiliense, 1999. (Coleção primeiros passos 151)

SANJURJO, A. **Ñandutí, Encajes del Paraguay**. 3.ed. EUA: Southern Cross Press, 2015. 178p.

SILVA, D. C. da; ALVES, G. L. Artesanato Ñanduti em Bella Vista Norte, Paraguai. **Espaço Ameríndio**, Porto Alegre, v. 14, n. 2, p. 141-159, jul./dez. 2020.
SILVA, J. M. **As Tecnologias do Imaginário**. 2.ed. Porto Alegre: Sulina, 2006.

Recebido em: 18/03/2022 * Aprovado em: 17/03/2022 * Publicado em: 30/04/2022